

5. A Aliança Esposal nos Santos Padres

Os místicos medievais beberam nos Santos Padres os fundamentos dos seus comentários ao Cântico dos Cânticos. Pelo menos os monges tiveram ampla possibilidade de estudar toda a riqueza da Patrística em suas bibliotecas. E partilharam os seus conhecimentos através das citações que apresentaram. Pessoas sem recursos para ter uma biblioteca, como Clara, podem não ter tido acesso direto aos Padres, pelo menos aos gregos – que melhor trataram o tema dos esposais – mas podem ter sido inspiradas a ler com outra visão os textos bíblicos: além do Cântico, os profetas da Aliança.

A *Espiritualidade dos esposais*, que encontramos no escritos de Santa Clara, está fundamentada nos Santos Padres, porque foram eles que mostraram como Jesus era o verdadeiro esposo sonhado e prometido pelo Antigo Testamento e também abriram para a visão de que Deus não é apenas o Esposo do Povo Bíblico mas da alma de cada fiel.

Há diversos testemunhos de que Clara convidava para falar em São Damião bons pregadores:

“A testemunha também disse que dona Clara gostava muito de ouvir a palavra de Deus. E, embora não tivesse estudado letras, ouvia de boa vontade as pregações letradas” (ProcC 10,8).

“Não tinha formação literária, mas gostava de ouvir os sermões dos letrados, sabendo que na casca das palavras ocultava-se o miolo que tinha a sutileza de alcançar e o gosto de saborear. De qualquer sermão, conseguia tirar proveito para a alma, pois sabia que não vale menos poder recolher de vez em quando uma flor de um áspero espinheiro que comer o fruto de uma árvore de qualidade” (LSC 37).

A Bíblia é a revelação do Deus-Amor não criado, que quer partilhar com os homens a sua infinita felicidade. A história da espiritualidade é a história dos homens na busca do Amor de Deus, e dos meios que usaram para isso. A partir dos Santos Padres da Igreja – cristãos ricos da cultura grega e romana dos primeiros séculos – a Igreja foi estudando o que tinha sido revelado por Jesus e construindo a sua doutrina e a sua espiritualidade.

A Carta aos Hebreus diz que não haverá mais revelação porque o Filho é a manifestação definitiva de Deus. Sua missão redentora está sendo continuada pelo Espírito Santo. Pentecostes é o tempo da Igreja, em que o Espírito vai suscitando testemunhas do Ressuscitado que em diferentes situações, desafios e dificuldades narraram as *maravilhas de Deus*, a salva-ção recebida para sempre em Jesus Cristo. O período dos “Padres” é a primeira etapa dessa caminhada

Os “Pais da Igreja”, com suas pregações e escritos, foram decisivos no desenvolvimento da doutrina e da vida cristã. O seu período, logo em seguida ao dos apóstolos, viveu intensamente a organização das comunidades, da vida litúrgica, da promoção do pensamento cristão.

Foram os Santos Padres que nos ensinaram a ler a Sagrada Escritura “no Espírito”, isto é, obter uma “inteligência espiritual” dela. Nessa dimensão religiosa da Escritura há um sentido misterioso, interior, que não é uma verdade abstrata ou banal, mas um dinamismo que afeta toda a existência.

Eles mostraram dois sentidos na Bíblia: o *literal* e o *espiritual*: a letra correspondia ao AT e o espírito ao NT, identificando-se com a pessoa de Jesus. Por isso, tudo que se contava na Antiga Aliança era interpretado da pessoa de Jesus. Isso dá uma importância especial aos diversos comentários dos Padres sobre o Cântico dos Cânticos, onde estão os primeiros pontos de uma teologia e de uma espiritualidade esposais. Deus é o amante fiel da esposa infiel, sedenta de seu abraço divino. Não é uma simples alegoria em um povo que entende a palavra de Deus à letra: é o descobrimento de que Deus se apaixonou “literalmente” pelo homem, tanto na Igreja como em cada alma cristã: o eco desse cântico profético vai ressoar na alegria dos amigos do Esposo que está com eles numa festa que vai chegar à plenitude na “terra nova”, quando a comunidade estiver preparada para o Esposo.

Neste nosso trabalho, vamos apresentar apenas Orígenes e São Gregório de Nissa, os dois santos Padres que trataram explicitamente da Espiritualidade dos Esponsais. Ressaltamos os pontos principais de cada um. Eles podem nos ajudar a entender melhor a espiritualidade de Santa Clara.

5.1. Orígenes – História, ferida e fecundidade

Orígenes é uma das pessoas mais geniais e influentes do Cristianismo. Foi um ponto alto na espiritualidade e na teologia mística. Por volta do ano 200, a literatura eclesiástica cresceu e teve uma nova orientação. Antes, condicionada pela tensão entre a Igreja e seus perseguidores, produziu escritos apologéticos e anti-heréticos. Mas abriu o caminho para um estudo científico da revelação. No contexto em que viveu Orígenes, a Igreja sentia que precisava de um sistema de pensamento. Daí surgiu a Escola de Alexandria, em que Orígenes se destacou. Em Alexandria tinha nascido o helenismo, fusão das culturas oriental, egípcia e grega, que originou uma nova civilização, e nela se estabeleceu no fim do século I a cultura judaico-cristã.

O tema dos esponsais está principalmente nos escritos exegéticos de Orígenes. Ele insistiu mais no sentido místico da Escritura do que no literal, usando com frequência o método alegórico. Nisso foi levado a cometer alguns erros de interpretação, mas mostrou que teve em alto grau o dom da penetração espiritual.

A idéia dos esponsais divinos não é uma novidade cristã. O mundo pagão conheceu deuses e deusas que se casavam. Já o judeu Filon de Alexandria falava de como Deus se unia à alma humana, que recebia uma semente das virtudes. Para alguns cristãos, a morte tinha um significado esponsal. A expressão “matrimônio espiritual” aparece pela primeira vez na literatura cristã entre os adversários de Santo Irineu, e falava sobre Cristo esposo da Igreja.

Hipólito, autor do primeiro comentário cristão ao Cântico dos Cânticos, usou a simbologia esponsal entre Deus e a Igreja, dentro da tradição hebraica dos esponsais entre Javé e Israel e da leitura paulina dos esponsais Cristo-Igreja. Quem começou a chamar as virgens cristãs de esposas de Cristo foi Tertuliano, que também falou dos esponsais entre Deus e a alma. Mas quem tratou mesmo esse tema foi Orígenes, que escreveu no prólogo ao seu comentário sobre o Cântico dos Cânticos: “estas palavras do Esposo magnífico e perfeito dirigem-se à alma unida a ele ou à Igreja”. A alma fiel é esposa porque faz parte da Igreja que é esposa. São Jerônimo disse: “Orígenes, que em alguns livros superou a todos, no Cântico dos Cânticos superou a si mesmo”.

Orígenes sabia unir devoção, capacidade especulativa e paciência analítica. Teve influências platônicas. Lembrou, ao falar da simbologia esponsal, que Platão falou sobre o amor espiritual no “Banquete”. Mas ele mesmo falou a partir de uma profunda experiência espiritual.

Escreveu na primeira Homilia sobre o Cântico: “Freqüentemente – Deus é testemunha – eu senti o Esposo chegar a mim e ficar comigo; de repente Ele se afastou e não consegui mais encontrar o que buscava; apareceu outra vez e eu o segurei, mas ele escapou de novo, e eu continuo a buscá-lo. Ele faz isso freqüentemente, até que eu o possua de verdade, e *suba apoiada em meu Amado* (Ct 8,5)”.

Tudo que Orígenes escreve sobre a relação esponsal entre Deus e a alma tem um tom de *autobiografia espiritual*. É uma experiência mística em que outros autores contaram que, para chegar à união com Deus, *sofriam* tanto sua “ausência” quanto sua “presença”. É uma experiência que descobrimos também em Santa Clara, nas suas Cartas a Inês de Praga,

Na primeira homilia, Orígenes se pergunta sobre o beijo do Cântico dos Cânticos e sobre o abraço do livro dos Provérbios: Até quando meu Esposo vai me mandar beijos através de Moisés e dos profetas? Eu quero tocar sua boca... Existe um abraço espiritual, e queira o Céu que um abraço mais forte do Esposo aconteça também com a minha alma, a Esposa, para eu também poder dizer o que está escrito neste livro: *sua esquerda está sob a minha cabeça, e sua direita me abraçará*.

5.1.1. Três temas na mística origeneana

5.1.1.1. A história como cenário esponsal

Orígenes concebeu a história como um drama amoroso em que se desenvolve o casamento entre Cristo e a Igreja, entre Cristo e a alma. Ele faz uma reconstrução histórico-salvífica do caminho que levará outra vez aos esponsais perdidos pelo pecado. Então, o Antigo Testamento foi o noivado entre Israel e Deus, em que a noiva recebeu a visita dos “amigos do Esposo” (patriarcas e profetas), e mais esporadicamente a visita do próprio Esposo (nas teofanias veterotestamentárias como figuras humanas ou angélicas). O Novo Testamento começa com a Encarnação do Esposo, que assume um corpo de carne imaculado para poder encontrar a Esposa, prostrada em um corpo de carne maculado. Mas a união só será perfeita na visão-encontro celeste, quando se realizar a parábola dos convidados para as bodas e o Rei unir definitivamente seu Filho com a humanidade gloriificada.

Mas o drama tem um lado negativo: junto ao itinerário matrimonial em que Cristo-Esposo toma a iniciativa, há um itinerário adúltero feito pela Igreja/alma-Esposa. Se a união a Cristo é um matrimônio, cada pecado é uma infidelidade a esse Esposo legítimo e, portanto, um adultério com Satanás.

5.1.1.2. A ferida de amor

A literatura esponsal cristã explorou bastante a expressão: “estou ferida de amor” (Ct 2,5), que foi vinculada a um texto do profeta Isaías: “Fez minha boca como uma espada afiada; na sombra de sua mão me escondeu; fez-me como seta aguda, em sua aljava me guardou” (Is 49,2). A ferida corresponde à flecha, e as duas são de amor. Orígenes desenvolveu amplamente esse tema em várias de suas obras.

Há um *Arqueiro*, que pode ser o Pai ou o Filho. A *Flecha* é sempre o Filho, mas ele também pode ser representado pela *Ferida* que produz na alma fiel. Mas a *Esposa ferida* é sempre a alma, nunca a Igreja. Há uma variante “eclesial” da *flecha*, que pode ser representada por aqueles a quem Cristo confiou serem portadores de sua Palavra: Moisés, os profetas, os apóstolos, os pregadores do Evangelho.

5.1.1.3. A fecundidade do esponsal com Cristo

O tema de *conceber* e de *gerar* espiritualmente está em São Paulo e em alguns Padres precedentes. E também não estaria longe do tema tão querido no *corpus paulino* e no *corpus joânico* da in-habitação de Cristo ou da própria Trindade na alma do crente.

Maria é o modelo nessa ação de gerar o Verbo, com uma atitude tipicamente materna: toda alma virgem e incorrupta, concebendo do Espírito Santo para fazer a vontade do Pai, é Mãe de Jesus.

Esse nascimento de Cristo na alma do crente está vinculado essencialmente ao acolhimento da Palavra e, em certo sentido assim nasce Jesus continuamente nas almas. Não se trata de ser um “outro filho” de Maria, mas de ser o *único* filho que ela gerou, isto é: de se transformar em Jesus.

Isso tudo só é viável se tivermos, como João, a *mente* de Cristo. É esse vínculo que Orígenes faz com outro texto paulino: “Nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para conhecer as graças que Deus nos deu [...]. Porque “quem conheceu a mente do Senhor para instruí-lo? Mas nós temos a mente de Cristo” (1Cor 2,12, Jo 1,23).

Como o Pai gera eterna e continuamente o Filho, o Filho é concebido de modo permanente na alma do crente através de uma vida santa, com boas ações, até chegar à bem-aventurança de uma estreita união com o Filho, em que poderá gozar da visão do Pai como o próprio Cristo o vê. É o ponto alto de um caminho esponsal: chegar à mais completa transformação naquele a quem amamos.

Mas, ensina Orígenes, nem tudo é *concepção* de Cristo na alma, porque também há uma espécie de assassinio quando se comete um pecado. Jesus não pode estar na alma, porque o pecado reduz o espaço. Isso é o que acontece nas almas túbias; nas outras ele cresce.

Por último, Orígenes indica um espaço interior em que Deus põe sua morada, a palavra usada por São João para indicar o recinto sagrado onde habita o Senhor, a tenda do encontro que acompanhou Israel, que agora é o coração do homem. Para ele, o coração é justamente esse centro vital onde Cristo nasce, cresce e é feliz. Ele usa uma série de imagens que explicitam essa presença de Deus quando alguém lhe oferece um espaço no santuário de seu coração: então Jesus passa pelo meio deles e aí repousa com toda a Trindade.

São esses os caracteres da teologia esponsal de Orígenes, que descrevem um processo, um drama em que a liberdade da pessoa se joga como resposta amorosa a uma proposta de amor: Deus que inicia e conduz uma história nupcial de salvação, que fere aos que ama com um dardo de amor até levá-los à plenitude fecunda dos esponsais místicos. São uma língua-gem e uma experiência que reconheceremos na literatura mística posterior e até como elementos descritivos de uma *forma de vida* contemplativa claus-tral, como a do projeto evangélico de Clara de Assis.

5.2. Gregório de Nissa – A caminhada até a União

Gregório de Nissa continua a perspectiva da mística esponsal. Sua con-tribuição para a espiritualidade esponsal comporta o conceito de itinerário e o conceito de união. São elementos que encontramos principalmente em suas obras exegéticas, onde ele mais manifesta sua admiração por Orígenes: na *De vita Moysis*, e nas quinze homilias *In Canticum Canticorum*. Cremos que a chave esponsal da doutrina do nisseno gira em torno da idéia de *progressão*, que permite ao crente ir percorrendo um caminho de conver-são, de assimilação divina, até chegar à *união*¹.

5.2.1. Seu “*itinerarium mentis in Deum*”: a *progressão para a semelhança divina*

O chamado para uma estreita comunhão com Deus, para a vivência íntima e amorosa com Ele, não é algo natural, ou que se obtém de modo improvisado e impessoal. É preciso fazer um caminho para chegar ao cume da vida espiritual; Gregório de Nissa pensou nisso a partir do tema da *imagem* como o ponto de partida de toda investigação sobre a mística. De fato, sendo o cristianismo imitação da natureza divina, indagar sobre o momento inicial do homem leva a conhecer o projeto de Deus, que se desenvolve em todo momento de relação do homem com Deus, até o mais pleno, que é o místico.

A questão básica é saber como é a imagem do homem à luz de seu arquétipo primordial, Deus Criador. Esse é o fundamento de sua doutrina, não só sobre a intuição de Deus, mas também sobre a ascensão mística do homem. Coroamento de toda a obra da criação, o homem, um microcosmo, exibe a mesma ordem e harmonia que admiramos no macrocosmo, em toda a criação. Gregório não faz a distinção típica dos alexandrinos entre ima-gem e semelhança, como quem entende por semelhança o esforço ético do homem sobre a imagem; porque as considera sinônimos, indicando assim a condição de pureza originária do homem. Graças a esta semelhança, o homem se apresenta como superior a todas as criaturas, pois nenhuma delas foi feita à semelhança de seu Criador. Para ele, “imagem” é uma expressão adequada dos dons divinos com que o homem foi dotado, de sua condição original de perfeição.

A condição do homem depois do pecado pode ser aperfeiçoada, pode começar de novo. O simbolismo da água do batismo é simplesmente o início da nova vida em Cristo, que precisa crescer até a união total, com uma decidida morte mística que leve o homem à verdadeira ressurreição. Esse percurso é bem estudado em seu *De vita Moysis*, um tratado místico em que

¹ Não podemos deixar de chamar a atenção, neste ponto, para o “Itinerário da mente a Deus” escrito por São Boaventura. Ele trás uma perspectiva “seráfica”, na tentativa de entender o misticismo de São Francisco. Mas recordamos que esse livro foi escrito depois da morte de Santa Clara.

ele delinea o seu *itinerarium mentis in Deum* pessoal, baseando-se na apresentação do êxodo existencial de Moisés.

O livro tem duas partes. Na primeira há uma síntese biográfica de Moisés. Na segunda parte, a principal, faz uma interpretação alegórica de Moisés, vendo em seu itinerário um paradigma da subida do homem até Deus.

Essa *itinerância purificadora*, que o crente percorre em sua ascensão, leva-o à fonte de sua imagem, que é Deus, em colaboração com a graça divina para eliminar paulatinamente toda imperfeição. Nessa abertura amorosa para a beleza infinita de Deus, a mudança e o devir que mostram a finitude de todo espírito criado adquire um significado novo, pois, como diz Gregório, o que pode parecer temível são asas adequadas para o vôo; seria um dano se não pudéssemos transformar-nos em seres melhores, pois a verdadeira perfeição consiste nisto: nosso crescimento nunca acaba sem pode ser circunscrito.

Não se trata de uma luta contra a limitação, mas de colaborar em tudo com a graça divina. Podemos situar aqui a imagem da *sarça ardente* e da *tenda*, que passariam mais tarde a significar espaços da vida contemplativa. A *sarça ardente* é compreendida por Gregório de Nissa como a atitude que o peregrino para Deus deve ter diante da luz de sua presença. Há escuridão na alma, mas também existe a luz que se fez alcançável e visível em um gesto de condescendência divina. O caminho do crente implica uma espécie de estupor diante dessa luz imerecidamente concedida; um estupor que se converterá em adoração de Deus e em purificação de tudo que puder estorvar.

A *tenda do encontro* é outra imagem importante do *itinerarium*. São duas tendas, a celeste e a terrena, que simbolizam as duas naturezas de Cristo. É evidente a alusão à *tenda encarnada* do prólogo do Evangelho de São João: o Cristo eterno e inciado, quando se fez histórico e criado, *acampou* no meio de nós. Gregório diz: “Entre todos, existe um único ser que existia antes dos tempos e que foi criado nos últimos tempos, mesmo não tendo necessidade de ser criado no tempo. Como teria necessidade de um nascimento temporal quem já existia antes dos tempos e dos séculos? Por nós, que por desconsideração tínhamos sido corrompidos no ser, ele aceitou ser criado como nós, para levar de volta ao ser o que estava fora do ser. Este é o Deus unigênito, que em si abraça o universo, e montou sua tenda entre nós”.

A perfeição que se busca através de todo o itinerário coincide com a que Moisés obteve: a amizade de Deus, a contemplação participada de sua beleza: “esses conselhos sobre a perfeição da vida virtuosa te sugerem, ó homem de Deus, este nosso breve discurso, descrevendo-te a vida do grande Moisés como modelo de beleza, pelo que cada um de nós, imitando sua maneira de viver, reproduza em si a marca da beleza que nos foi mostrada [...]. Está na hora de olhares o modelo, meu caro, aplicando em tua vida tudo que consideramos com a interpretação espiritual dos fatos históricos, e te faças conhecer por Deus e chegues a ser seu amigo”.

5.2.2. Até a contemplação eterna da Beleza de Deus que nos transforma em sua imagem

Na *Vida de Moisés*, Gregório usa um termo adequado para expressar o encontro entre Deus e o homem, entre o Amor infinito e o amor criado: a *insaciabilidade*. O caminho não tem fim, é inesgotável como Deus.

Há, então, um progressivo encontro com a Beleza, que é Deus². Mas, como essa ascensão pressupõe uma paulatina assimilação da imagem de Deus, não pode parar, porque isso significaria ter alcançado o limite de Deus. E nisso consiste a bem-aventurança.

É principalmente em suas homilias sobre o *Cântico* que ele trata da gradualidade dessa subida para a contemplação da Beleza. A linha é a mesma de Orígenes, falando da esposa-Igreja e da esposa-alma. Orígenes tinha determinado três momentos na subida da alma até Deus: a ética, a física e a teoria, que fazia corresponder aos Provérbios, ao Eclesiastes e ao Cântico dos Cânticos. Na primeira de suas *Homilias sobre o Cântico dos Cânticos*, Gregório retoma essa divisão e relaciona os três livros com as idades espirituais: a *infância* – incipientes –

² No Processo de Canonização, as Irmãs recordam que Santa Clara saía da oração com o rosto transfigurado. Como Moisés quando descia do Sinai. A LSC confirma. Cf. ProcC 1,9; 6,3; LSC 20.

(Provérbios); a *juventude* – proficientes – (Eclesiastes) – e a *maturidade* – perfeitos – (Cântico dos Cânticos).

A fase dos *incipientes* se caracteriza pela purificação; é a passagem da escuridão para a luz, entendida como o desapego dos conceitos errôneos sobre Deus e o esforço por imitar totalmente a Cristo. Essa fase purifi-catória termina na *apáteia* (a despreocupação pelas coisas vãs) e na *parresia* (a liberdade sem temor), frutos da confiança em Deus.

Com os *proficientes* há uma maior fidelidade na reprodução da imagem de Cristo na alma, há uma manifestação de Deus de modo misterioso e obscuro, e se tem uma clara experiência de sua presença. Quanto mais se avança nesse caminho de perfeição, mais são refletidos na alma os traços de Cristo, até chegar a reproduzi-los de tal maneira em si mesma que quase não se distingue da Beleza original. Utiliza a imagem do *espelho*, de tanta influência na literatura mística.

Essa escalada ascensional é um movimento de caridade, pelo qual o sensível vai sendo substituído pouco a pouco pelo espiritual, sem voltar à sujeira que se deixou para entrar na presença de Deus. Abrir-se a Deus que entra, é, conseqüentemente, ver como se afasta o que não é Deus na alma.

Finalmente, a última fase corresponde aos *perfeitos*, cuja maturidade consiste em ver dentro deles a imagem buscada do esposo amado. Não é uma visão de Deus, mas um sentimento de presença na realidade da graça. Essa presença poderia aplacar a sede imensa do Esposo suspirado, mas, na realidade, gera um novo êxodo.

É a doce-ferida do amante e do místico de que nos falam tantas páginas amorosas da história humana, tanto por Deus como por uma pessoa humana. Gregório usa a metáfora do vinho e do lagar na Homilia 4: no fundo, Deus é um Esposo que se transforma ao mesmo tempo na sede que queima e no vinho que sacia. O conhecimento de Deus no *espelho* da alma exige a sua purificação até chegar à semelhança de Deus perdida no pecado. É esse objetivo que estrutura todo o caminho das obras místicas de Gregório. Na última etapa, a dos *perfeitos* ou *maduros*, se caracteriza pela contemplação unitiva de Deus como Esposo da alma esposa.

A idéia de que a contemplação transforma na imagem do Esposo também está em Santa Clara (2Ctln 12) como vamos ver Np cap. 9, sobre a contemplação. Poderia haver alguma influência de São Gregório de Nissa. Acreditamos que pelo menos indireta houve, pelas suas reflexões a partir das pregações de cistercienses.